

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA – UNILA

“Anais do I Encontro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários  
linguístico-culturais contemporâneos”  
07, 08 e 09 de novembro de 2013 - UNILA

FOZ DO IGUAÇU - 2016



## A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO INDÍGENA ATRAVÉS DA MÍDIA: REFLEXÕES ACERCA DA LUTA PELA TERRA EM GUAÍRA-PR

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho<sup>1</sup>

Resumo: A presente comunicação visa discutir aspectos acerca das representações midiáticas referente aos conflitos de terra envolvendo os grupos indígenas da cidade de Guaíra-PR. Há presença de correlações de forças contrárias: por um lado indígenas que possuem o direito original das terras, reivindicando-as para que possam utilizá-las para sua sobrevivência diária. Em contraponto, há determinados agricultores, proprietários destas terras que para que não sejam demarcadas, divulgam informações errôneas e difamatórias acerca dos grupos indígenas presentes na cidade de Guaíra e a mídia têm sido grande contribuinte destas divulgações.

Palavras-chave: Mídia; Demarcação de terras indígenas; Guaíra-PR.

O nome Guaíra é de origem Guarani, do qual significa: esconderijo, local de difícil acesso ou intransponível. Antes de se tornar uma cidade, Guaíra não era o nome de um determinado local, mas de toda uma região (Guahyrá- escrita na forma do espanhol antigo). Somente em 1872, com o Tratado de Limites é que foram demarcados os limites territoriais entre Brasil e Paraguai, ficando Guaíra em território brasileiro. Criado através da lei Estadual nº 790 de 14 de novembro de 1951, onde foi desmembrada de Foz do Iguaçu, desde então Guaíra foi elevada à categoria de Município, sendo sua instalação administrativa registrada em 14 de dezembro de 1952, com eleição para prefeito.

Desde o início de sua ocupação o Oeste paranaense, compreendido tradicionalmente como território guarani, é transformado numa espécie de campo de forças, sendo constituído por uma complexa rede de correlações sociais contrárias. O município de Guaíra se tornou conhecido devido suas inúmeras riquezas entre elas as Sete Quedas. Porém, neste ano de 2013 as notícias acerca da cidade de Guaíra não são as melhores. Há um permanente conflito entre grandes agricultores, pequenos agricultores e os diversos grupos indígenas que moram na cidade de Guaíra. O real motivo deste conflito é a disputa pela demarcação (ou não) de terras na área que equivale o município de Guaíra e meados do município de Terra Roxa. No entanto, o que tem acontecido está para além de mais um conflito envolvendo terras de indígenas e não indígenas. Tem-se disseminado na mídia diversas formas de preconceitos e informações irreais que tem provocado grande descaso com a população indígena do Oeste

---

<sup>1</sup> Acadêmica 4ºano do curso de graduação em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná(UNIOESTE). E-mail: [joohieda@hotmail.com](mailto:joohieda@hotmail.com)

do Paraná. Segundo Ribeiro, em síntese, o Oeste é o *locus* da corporificação da diferença entre *nós*, os Guarani, e os *outros*, não-índios, que chegam de repente.

Não podemos desassociar a luta pela terra dos indígenas Guarani da cidade de Guaíra, dos outros aspectos presentes em toda a história da colonização da América Latina. Com a vinda dos espanhóis houve um genocídio da população indígena e “os índios morriam como moscas; seus organismos não opunham defesas contra doenças novas. E os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis” (Galeano, 1984).

Recentemente foi criada uma comunidade em uma rede social em favor dos agricultores da cidade de Guaíra, e através disso são feitas manifestações contra a demarcação de terras indígenas. Há inúmeros comentários propagando opiniões preconceituosas e o que mais têm nos assustado é o fato de que tudo parece ser natural. A imagem a seguir foi compartilhada neste mesmo grupo e divulgada por toda a região Oeste do Paraná:



Reparemos a frase “A grande maioria dos índios brasileiros não é mais caçadora e coletora. Estão aculturados e integrados à civilização. Utilizam muito pouco a terra que possuem”. Infelizmente, grande parte da população indígena em nosso país não é mais caçadora e coletora, pois, através do processo de colonização suas terras foram expropriadas e entregues para os novos donos destas terras. O termo que utilizam como cultura, é

precipitado. Como nos afirma Norbert Elias “A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas.” E quando nos utilizamos do termo cultura para designarmos atividades humanas de grupos distintos é necessário cautela pois, cultura é dialética, está em constante movimentação. Se os indígenas acerca do tempo precisaram utilizar da cultura do não-índio, para incorporar-se em uma sociedade diferente prestemos atenção em todas as contribuições que a cultura dos indígenas também foram apropriadas pelo não-índio.

Nossa como me impressiona a importância que o governo dá ao campo ! ao campo de futebol é claro, porque ao campo onde é produzido o alimento eles nem ligam !! Na hora de expulsar os índios para fazer de um museu que era deles, para fazer obras do maracanã eles expulsam sem ficar falando "MAIS ISSO A 500 ANOS ATRAS ERA DELES", queremos essa mesma atitude agora com os campos de lavoura !!! FORA FUNAI, FORA ÍNDIOS, FORA TUDO QUE IMPEDE O BRASIL DE PRODUZIR E SE DESENVOLVER !!!!!!!!!!! atitude meu governo, atitude por favor..(Acessado no dia 18/05/2013)

Lembrando-nos da frase presente na bandeira do Brasil “Ordem e Progresso” e fazendo uma pesquisa mínima sobre a contextualização da política, economia e cultura atual no Brasil, observaremos que os maiores problemas estão associados à corrupção de alguns políticos escrupulosos, gerando como resultado disso a violência, a fome, a falta de moradia, a precariedade na educação, a falta de assistência na área da saúde, ou seja, a decadência dos direitos sociais. Todos estes problemas não condizem com a “ordem e progresso” que algumas pessoas defendem como lema para o Brasil, porém, estes políticos continuam no poder. Portanto, os indígenas não são geradores destes problemas que afetam grande parte da população brasileira, ao contrário, são brasileiros (segundo a constituição), que também são fortemente afetados pela irresponsabilidade destes políticos. Entretanto, a afirmação consiste em caracterizar os indígenas como propulsores do não desenvolvimento de nosso país. Quão contraditório!

Mais importante do que a produção do campo, para que um país se desenvolva é necessário que a atenção primordial de todos os órgãos institucionais (sendo públicos ou privados) sejam as pessoas que moram neste país. Independente de raça, etnia, religião, crenças. Como podemos falar em desenvolvimento em uma sociedade da qual a desigualdade social e o preconceito são disseminados levando-se em consideração que uma cultura pode ser melhor que a outra?

Uma das principais justificativas à não demarcação de terras no Oeste do Paraná é baseada em afirmações de que os indígenas não irão produzir para o país como os agricultores produzem. Diante disso, é perceptível que há o mínimo de informações precisas, pois para os indígenas, a terra é o local onde o índio está em contato com tudo aquilo que o Criador fez. Portanto, quando destituídos de suas terras, não estão perdendo apenas sua propriedade, mas, sobretudo aquilo de mais significativo que pode haver na cultura indígena: sua relação de contato com a obra do Criador.

Para os povos indígenas, a terra é muito mais do que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural - e tão importante quanto este - é um recurso sócio-cultural. (RAMOS, Alcida Rita - Sociedades Indígenas).<sup>2</sup>

Diante disso, todos os diversos grupos indígenas compreendem que não é uma denominação de Estado ou uma diferenciação de cidade que os dividirá. Acreditam que o fato de pertencerem a um mesmo grupo é o suficiente para que sejam da mesma família e se um território pertence aos Kaiowás-Guarani da cidade de Guaíra, por exemplo, quando receberem a visita de outros Kaiowás não haverá a diferenciação de “esta é a minha terra”, mas sim “esta é a nossa terra, portanto, a nossa casa”. O que temos percebido é que as diferenciações entre terra e propriedade têm se tornado um grande e grave problema. Criou-se a necessidade da escolha “de um lado”, se um morador da cidade de Guaíra aprova a demarcação de terras é porque está do lado dos indígenas, então, é excluído da sociedade. Se o morador escolhe ficar do lado dos agricultores, é necessário que participe das passeatas e manifestações até mesmo em redes sociais e que não dê emprego nem qualquer forma de auxílio aos indígenas. As populações indígenas sempre sofreram desde o período da colonização, mas havia um forte interesse em readequá-los em nossa maneira de viver, hoje, o desejo maior é o de excluí-las, como se não bastasse viver à margem da sociedade em zonas periféricas, com falta de recursos, querem simplesmente transportarem-lhes para Amazônia. Para não dizer outras soluções irracionais e incabíveis.

Diversos são os grupos indígenas que habitam em solo brasileiro. Mas, destacaremos os Guarani. Segundo Motta:

---

<sup>2</sup> Acessado no dia 01/06/2013. Disponível em: [http://www.funai.gov.br/indios/terras/conteudo.htm#o\\_que](http://www.funai.gov.br/indios/terras/conteudo.htm#o_que)

(...) os Guarani também trouxeram de seus locais de origem diversas espécies de vegetais úteis para vários fins (alimentação, remédios, matérias-primas etc), contribuindo para o aumento da biodiversidade florística do sul do Brasil.<sup>3</sup>

Atualmente, entre os dois lados da calha do Rio Paraná do lado brasileiro, do lado paraguaio e no lado argentino, existem um pouco mais de 100 mil índios Guarani vivendo das três grandes parcialidades: Ibehá, Yandéwa, Tekohá Guarani e Kaíowa ou Pain.

Embora o direito indígena seja reconhecido desde o alvará régia de 1680 que instituiu o princípio do indigenado, do qual os indígenas têm direito ao território que eles vivem. Nunca se teve políticas claras pra se delimitar esse território. Segundo o antropólogo da Funai da cidade de Guaira Diogo Oliveira, na região Oeste do Paraná em 1662 com a finalização das missões jesuíticas, os jesuítas em suas pesquisas de levantamentos estimaram em torno de 350 mil índios Guarani que viviam nessa região que era chamada de Guairá. Enfim, não há um processo de colonização muito intensivo, existia uma grande disponibilidade desses lotes e territórios Guarani.

(...) o Estado nacional é tomado como espaço analítico natural de “contextualização” dos povos indígenas. A empresa teórica de “desnaturalização” do conceito de sociedade indígena (...) é muitas vezes financiada com a moeda da essencialização do Estado, que se vê promovido ao estatuto de instância transcendente de que as sociedades indígenas derivam suas modestas e incertas cotas-parte de realidade.<sup>4</sup>

O conceito de territorialidade é representado para os indígenas diferente do que é para os não-índios. Portanto, não se soluciona a demarcação de terras transferindo os indígenas do Oeste do Paraná para a Amazônia (esta é uma das opções propagandeada pelos agricultores nas redes sociais). Há uma configuração geográfica determinada pelos Guarani para que um território seja considerado seu, o que é o caso do Oeste do Paraná. Há uma série de significações sobre o espaço do qual vivenciam.

(...) os Guarani têm na sua maneira de vivenciar os lugares, transformando-os em seus espaços, um elemento constitutivo do seu modo de ser e viver, sendo

---

<sup>3</sup> MOTA, Lúcio Tadeu. E NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do Vale do Rio Ivaí-PR- história e relações interculturais**. Maringá, EDUEM: 2008

<sup>4</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Etnologia brasileira*. In: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira**: Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999. pp. 109-224:180

compelidos, em virtude da progressiva expropriação e redução de terras onde possam levar a efeito o *bom modo de ser*, a contínuas adaptações.<sup>5</sup>

A mídia tem papel influenciador no que condiz com o pertencimento deste território. Antes mesmo dos conquistadores contemporâneos, esta terra já era habitada especificamente os Guarani *Ñandeva* e *Mbyá* que percebem como seu o espaço que separa as atuais cidades de Foz do Iguaçu e Guaíra, margeando o rio Paraná. No entanto, há uma história divulgada que não condiz com a realidade vivenciada destes povos nativos. Uma história sem conflitos, da qual os indígenas se tornam meros instrumentos e graças aos não-índios podem se adequar a civilização. Em alguns discursos é perceptível a cobrança pela falta de agradecimento dos indígenas por ainda terem um espaço para viver. É lamentável o descaso com estes grupos e a falta de assistência de direitos básicos que eventualmente lhes faltam.

Outro termo aparente na mídia é o “brasiguai” no sentido de afirmar que muitos dos indígenas que aqui vivem não são verdadeiros, mas sim, paraguaios que na esperança de conquistar terras, vem para o Brasil e se registram como indígenas. A falta de informação é bastante evidente. Para os Guarani é comum a transferência de aldeia entre localidades que consideram suas terras. Portanto, o que temos observado é a contribuição da mídia local para que o preconceito com “o outro” permaneça e se prolongue, tornando-se quase inaceitável.

Concluimos afirmando que sabemos que a mídia não é neutra e que atrás de cada suposta informação há conjuntos de interesses que fortificam determinadas classes sociais das quais não compactuam com a forma de viver dos indígenas. Porém, o que temos percebido nos últimos meses é uma forte exclusão social disfarçada de luta por direitos propiciada por estes grupos e que têm prejudicado diretamente a vida dos mais diversos grupos indígenas do oeste do Paraná.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **O sentido dos outros: atualidade da antropologia**. Ed vozes, Petrópolis, 1999.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. 1969, In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. pp. 187-227.

---

<sup>5</sup> RIBEIRO, Sarah Iurkiv Gomes Tibes. Era uma vez...e essa terra já foi nossa: os Guarani no Oeste e a guerra de conquista. Disponível em: <http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/SarahIGTRibeiro.htm>

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAND, Antonio. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra**. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese de Doutorado.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado? sobre a história e os historiadores**. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história etnicidade**. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986.

CUNHA, Manuela Carneiro. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DEPRÁ, Giseli. **O lago de Itaipu e a luta dos Avá-Guarani pela terra: representações na imprensa do Oeste do Paraná (1976-2000)**. Dourados: UFGD, 2006. Tese de Mestrado.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, RJ : Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo, SP : Paz e Terra, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2002.

HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MELIÀ, Bartomeu. **El guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica/Biblioteca



Paraguaya de Antropología, n. 5, 1988.

MOTTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: EDUEM, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. E NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do Vale do Rio Ivaí-PR- história e relações interculturais**. Maringá, EDUEM: 2008

NÖTZOLD, Ana Lucia V. e ALMEIDA, Carina S. **A luta pela terra em território Kaingang: os conflitos na terra Indígena Xapecó (SC/Brasil) ao longo do século XX**. Porto Alegre: v.18, n.34, p.279-303, dez. 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco (org.). **Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa Livraria, 1998.

RIBEIRO, Sarah I. G.T. **Era uma vez... essa terra já foi só nossa: os Guarani no Oeste e a guerra de conquista.** Disponível em: [http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/SarahIGTRibeiro.htm#\\_ftn1](http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/SarahIGTRibeiro.htm#_ftn1)

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e Missões Jesuíticas do Guairá**. Toledo/PR: Editora Toledo, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. *Colonialismo e idolatrias: cultura e resistência indígenas no mundo colonial ibérico*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 11, n. 21, 1990/91. pp. 101-124.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Etnologia brasileira*. In: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira**: Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999. pp. 109-224:180.